

# GÊNERO, AMBIENTE E TÉCNICA NA PESCA DA TAINHA DE ENCANTADAS, ILHA DO MEL

**Simone Frigo**

sifrigo@gmail.com

Doutoranda em Antropologia | PPGAS/UFSC  
Bolsista CAPES

**Resumo:** O verão acabou na Ilha do Mel. E com ele finda-se a enxurrada de turistas que frequentaram aquele que é tido por muitos como o lugar mais belo do litoral paranaense, cercado por belas praias e recheado de mata atlântica. A ocupação humana da Ilha cai de milhares para algumas centenas de pessoas. Sob uma aparente calma no mar de movimentações humanas, o inverno se aproxima e com ele o tempo da pesca. Aos poucos os “nativos” da Ilha retomam suas atividades pesqueiras em detrimento das turísticas. Dentre estas práticas está o “lanço da tainha”, atividade relacionada à pesca mais significativa da região. Nos estudos sobre as comunidades pesqueiras há uma tendência em privilegiar o ponto de vista masculino, ou seja, o ponto de vista do homem pescador. Ainda hoje, parece haver pouca preocupação com a descrição das atividades das mulheres, mesmo quando elas são fundamentais para a realização da pesca, como é o caso do trabalho aqui proposto. A partir de dados etnográficos resultantes da pesquisa de campo realizada entre os pescadores e pescadoras da vila de Encantadas, proponho apresentar o meu projeto de tese do PPGAS- UFSC que aborda as relações de gênero tendo como foco a pesca da tainha. A intenção é refletir sobre as perspectivas das mulheres a respeito das relações de gênero e, como essas relações constroem suas percepções sobre o ambiente, os animais e as técnicas pesqueiras.

**Palavras-chave:** Pesca; gênero; ambiente

## INTRODUÇÃO

O verão acabou na Ilha do Mel. E com ele finda-se a enxurrada de turistas que frequentaram aquele que é tido por muitos como o lugar mais belo do litoral paranaense, cercado por belas praias (algumas desertas) e recheado de mata atlântica. A ocupação humana da Ilha cai de milhares para algumas centenas de pessoas. Sob uma aparente calma no mar de movimentações humanas, o inverno se aproxima e com ele o tempo da pesca. Aos poucos os “nativos” da Ilha do Mel retomam suas atividades pesqueiras em detrimento das turísticas. Dentre estas práticas está o “lanço da tainha”, atividade relacionada à pesca mais significativa da região.

A Ilha do Mel está localizada na Baía de Paranaguá e pertence ao município de Paranaguá, litoral do estado do Paraná. À 20 km do centro urbano de Paranaguá, o acesso à ilha só é possível por via marítima, partindo daquele município ou de Pontal do Paraná. Conforme Shena (2006), a população fixa da Ilha é estimada em mil e quinhentos habitantes, sendo Encantadas - uma das seis comunidades - a localidade que possui o maior número de pessoas, aproximadamente 800 habitantes.

A partir de dados etnográficos resultantes da pesquisa de campo realizada entre 2011, 2012 e 2014 entre os pescadores e pescadoras de Encantadas, este projeto aborda as relações de gênero tendo como foco a pesca da tainha. Essa é uma das atividades ditas “tradicionais” que perduram, apesar das inúmeras transformações ocorridas na Ilha durante os últimos trinta anos. A intenção é refletir sobre as perspectivas das mulheres a respeito das relações de gênero estabelecidas e, como estas,

constroem as percepções sobre o ambiente, os animais, os objetos e os próprios humanos interligados na prática pesqueira.

Este projeto é resultado de um trabalho mais amplo de pesquisa realizado sob contratação do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) cujo objetivo foi a realização da quarta etapa do Inventário Nacional de Referências Culturais<sup>2</sup> (INRC) do município de Paranaguá – PR, responsabilidade da 10ª Superintendência Regional. Entre os anos de 2007 e 2009 o INRC/Paranaguá –PR identificou e documentou vários bens de cultura imaterial. No ano de 2000 o IPHAN deu continuidade ao processo de Identificação e Documentação, desta vez reduzindo o campo de análise e focando em um tema e espaço específico, a saber: o universo caiçara e sua relação com o mar através do sistema de pesca. O local selecionado para a realização da pesquisa de campo foi a Praia do Miguel, localidade encontrada na Vila das Encantadas, na Ilha do Mel. Assim, devo dizer que este texto é o início de um projeto de discussão sobre a temática de gênero na pesca da tainha da Ilha do Mel e, ao mesmo tempo, resultado de um projeto coletivo de pesquisa, visto que a aplicação do Inventário, “O universo caiçara e sua relação com o mar através do sistema de pesca” foi realizado por quatro pesquisadores<sup>3</sup>.

As práticas relativas ao “lanço da tainha” têm seu auge entre meados de maio e julho e mobilizam parte significativa das comunidades da Ilha do Mel. Correa e Lemos (1993) em trabalho intitulado *A pesca artesanal da tainha*

<sup>2</sup>Promovido por meio do *Programa Nacional do Patrimônio Imaterial*, instituído pelo Ministério da Cultura sob o Decreto nº 3.551/2000, que instaura o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida sob a supervisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

<sup>3</sup>A equipe de pesquisa foi composta por Patrícia Martins (Antropóloga coordenadora do Projeto), Simone Frigo (Antropóloga), Janaína Moscal (Antropóloga) e Otávio Zucon (Historiador). Aproveitamos a oportunidade para agradecer a Janaína Moscal pela generosidade e incentivo, este texto é resultado de reflexões coletivas.

<sup>1</sup>Nativo é uma categoria nativa que nomeia todo habitante nascido na Ilha do Mel ou, mais recentemente, filhos de moradores da Ilha nascidos em hospitais da cidade de Paranaguá. O que determina a denominação nativo para aqueles que vem de “fora” é o vínculo de parentesco estabelecido com os moradores mais antigos. Assim, são nativos também aqueles filhos de relações entre moradores das famílias mais antigas da Ilha e pessoas de “fora”, turistas ou trabalhadores que ali se estabeleceram.

no litoral do estado do Paraná apontam essas mesmas características de organização da pesca em outras regiões do litoral paranaense. A mobilização começa nos primeiros dias de maio, período em que é necessário dar início aos preparativos da pesca da tainha. As famílias que se dedicarão à pesca reúnem-se a fim de planejar e organizar suas ações. Na comunidade de Encantadas as famílias Agostinho, Neves e Serafim são protagonistas dessa prática há mais de três gerações. Juntas, compõe um grupo que gira em torno de sessenta pessoas.

Passado o processo de negociação e preparação da pesca, que envolve inclusive liberações junto ao Instituto Ambiental do Paraná (IAP) – tendo em vista o fato de que parte significativa da Ilha é área de proteção ambiental –, as famílias da comunidade de Encantadas montam seu acampamento da Praia do Miguel, local que habitarão nos próximos dois meses. Ao todo são montados, provisoriamente, seis barracos onde dividem-se as famílias que participam da pesca. A vila de Encantadas fica no “mar de dentro”, à oeste da Ilha do Mel, e a Praia do Miguel no “mar de fora”, porção leste da Ilha. Os pescadores e suas famílias cruzam a Ilha levando em carrinhos de mão os itens de subsistência e o material para construir os barracos. É um momento de trabalho duro e de alegria, pois o tempo da pesca da tainha é também o momento de reencontrar os companheiros de pesca, atualizando suas socialidades.

Uma vez montado o acampamento, espera-se o momento do lançamento, o sinal daqueles mais experientes que, capazes de ler as “entrelinhas” do mar e de perceber suas sutilezas, se revezam na observação das águas, de sua coloração, de sua ondulação e seus odores. “A tainha escuta tudo”, afirmou Mariazinha, uma das pescadoras mais experientes do grupo de mulheres que participam da pesca. O tempo de espera para que a tainha finalmente se aproxime pode durar horas, dias, semanas até.

Quando a tainha se aproxima, chega o momento ápice de sua pesca: o “lanço”. Uma canoa com dez braços de comprimento e feita de “um pau só” sai da praia com cinco pescadores experientes: o popeiro, que comanda o cerco ao

cardume, dois remadores e dois tarrafeiros, responsáveis por soltar a rede na medida em que cerca-se o cardume. A canoa atravessa a arrebentação e, aos poucos, os pescadores soltam uma rede enorme que se estende até o fim da praia, cercado a tainha. Na praia é necessária a presença de pelo menos trinta pessoas que, em sua maioria, acabam sendo mulheres, para puxar a rede que tem cerca de cinquenta braçadas. Assim, a pesca da tainha só se realiza na interação entre homens, mulheres, objetos e técnicas.

## GÊNERO, AMBIENTE E TÉCNICA

A intenção é refletir sobre as perspectivas femininas a respeito das relações de gênero e, como estas se refletem no trabalho realizado durante o período de pesca da tainha na praia de Encantadas. Nos estudos sobre as comunidades pesqueiras existe uma tendência que privilegia o ponto de vista masculino, ou seja, o ponto de vista do homem pescador. Motta-Maués (1999), aponta que, até a década de 1980, a produção científica sobre pesca no Brasil referia-se a uma atividade vivenciada pelos homens, propondo-se a refletir sobre a não presença da mulher nestes espaços.

Dessa busca que empreendi obtive como resultado a constatação de que, salvo engano, que deve ser aqui debitado à não possibilidade de um levantamento exaustivo dos trabalhos (coisa que, aliás, fiquei motivada a fazer), a questão da mulher e das relações de gênero, com raríssimas exceções, não tem sido contemplada como tema de estudo na produção acadêmica brasileira na forma aqui considerada, qual seja, dissertações e teses desenvolvidas em comunidades pesqueiras. E isto constitui certamente um dado importante e instigante, no que concerne à reflexão e à discussão que desejo fazer neste trabalho. Neste sentido, o significado dessa “exclusão” da mulher como tema de “estudo” em sociedades ditas “pesqueiras” deve ser algo “bom para pensar” no contexto da discussão sobre a “invisibilização” da mulher que mencionei antes (Motta-Maués 1999: 380-381).

Sobre a invisibilização da mulher nos estudos de pesca, Woortmann aponta que existe um movimento por parte dos pesquisadores de assumir o discurso nativo masculino. As-

sim, “o discurso do pesquisador replica o discurso público do grupo estudado, cuja identidade se constrói sobre uma atividade – a pesca – concebida como masculina, e deixa de lado o discurso privado” (1991: 2). Parece haver pouca preocupação com a descrição das atividades das mulheres, mesmo quando estas são fundamentais para a compreensão das vivências do grupo como um todo. Se, em geral, as pesquisas refletem o discurso público do grupo que ressalta as atividades masculinas, o mesmo não pode ser reproduzido na análise da pesca da tainha em Encantadas.

As relações entre homens, mulheres, objetos e técnicas podem ser clarificadas quando relacionadas ao espaço onde são efetivamente produzidas. Assim, cabe saber como cada espaço é apropriado e ressignificado por cada gênero. De forma geral, adotando uma postura clássica descrita por Woortmann (1991), o mar é relacionado ao domínio do homem, em oposição à terra, domínio da mulher. Porém, essa classificação deve ser relativizada dependendo do contexto em que se produz o discurso e do tempo histórico a que ele se refere.

A comunidade de Encantadas passou por diversas mudanças ao longo de sua história. Analisando a sua história recente, destaca-se a década de 1980 como paradigmática.

---

<sup>4</sup>A proposta das duas unidades de conservação instituídas na Ilha do Mel está baseada em um modelo de criação de áreas naturais protegidas que se desenvolveu nos Estados Unidos a partir de meados do século XIX. Este modelo, baseado no “Mito da Natureza intocada”, como bem aponta Diegues (2001), está centrado na visão do homem como necessariamente destruidor na natureza e se constituiu numa das políticas conservacionistas mais utilizadas em países periféricos. A proposta é de criação de “ilhas” de conservação ambiental, onde o homem pode visitar e contemplar a natureza intocada. “Para seus idealizadores, a única forma de proteger a natureza era afastá-la do homem, por meio de ilhas onde se pudesse admirá-la e reverenciá-la” (Diegues 2001: 09). Parte-se do pressuposto errôneo de que a natureza existe em “estado puro”. No entanto, o que se percebe pela experiência do Brasil é que justamente as áreas de maior diversidade e mais conservadas são aquelas manipuladas pelas populações tradicionais e grupos indígenas.

Foi nesse período que ocorreu a criação das duas unidades de preservação ambiental<sup>4</sup>. A fala dos pescadores e a análise da *Coletânea de Legislação e Documentação sobre a Ilha do Mel: 1946-1985* (1986) atesta que a criação dessas unidades retirou grande parte do território utilizado historicamente pelos pescadores, pois estes não puderam mais praticar a agricultura, criar nenhum tipo de animal e muito menos caçar animais de pequeno porte. Aquele espaço social ligado à terra foi deles retirado. Houve também, perda do território marinho. As restrições ambientais, as mudanças climáticas e a construção do Canal da Galheta são fatores apontados pelos pescadores para a falta de peixe e a consequente perda do espaço marítimo. Ao mesmo tempo, ou como consequência desse processo, houve uma intensificação do turismo na Ilha do Mel. Assim, começa a se desenvolver uma nova atividade, agora ligada aos serviços. Nos dias atuais, tanto homens como mulheres ocupam-se dessa atividade, principalmente do turismo, sendo que a pesca é complemento de renda para a maioria deles.

No que diz respeito à pesca da tainha, ocorreram algumas mudanças significativas. As casas que existiam na Praia do Miguel, local da pesca da Tainha, foram destruídas pelo IAP (Instituto Ambiental do Paraná). Agora os pescadores precisam retirar anualmente uma licença junto a esse órgão para montar barracos provisórios na praia. Os pescadores limpam o local e montam dois barracos de lona para cada família. Um barraco maior é usado como quarto e outro, menor, como cozinha. Os pescadores podem ser responsabilizados por eventuais danos que o acampamento possa causar à natureza. Para melhor compreensão da distribuição das famílias no acampamento e dos espaços utilizados na praia, apresentamos a figura a seguir<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup>A aquarela apresentada é de Marcelo Weber, com projeto gráfico de Brenda Santos. Compõe o material produzido para “O Universo Caiçara e sua Relação com o Mar através do sistema de pesca”, INRC/2011



Figura 1.

A figura representa a ocupação provisória da Praia do Miguel durante a pesca da tainha no ano de 2011. Algumas modificações de ocupação ocorreram ao longo destes anos, no entanto, a estrutura de organização e divisão das famílias “nativas” permanece a mesma. A identificação da ocupação provisória parte de uma perspectiva nativa que associa os barracos primeiramente aos homens, os chefes de família. Assim, quando homens e mulheres querem identificar os locais ou barracos

referem-se aos nomes ao homem que compõe o casal, por exemplo: “o barraco do seu Ede é o primeiro que se vê quando alguém desce do morro do sabão”. As mulheres definem os locais dos barracos através do feminino, “o barraco da Dona Maria é o primeiro que se vê quando alguém desce do morro do sabão”, mas fazem isso apenas quando estão entre pares.

Seu Ede e Dona Maria montam o primeiro barraco logo após a descida do Morro do

Sabão. Dona Maria é uma mulher muito ativa, responsável por grande parte das atividades de organização e manutenção de seu barraco. Andando um pouco mais ao longo da praia, podemos ver as duas entradas que levam ao barraco de Nilson e Fátima e ao de Seu Cezário e Dona Jora. Bem próximo ao barraco de Nilson e Fátima fica a primeira bica de água. Esses três primeiros barracos utilizam a água deste local. Depois temos os barracos de Rute e Nereu e Valdir e Raquel. Esses dois barracos ficam na mesma clareira, onde há um caminho interno que leva até o barraco de Miguel e Sílvia. Entre os pontos quatro e cinco está localizada a segunda bica de água. Da clareira ocupada por Miguel e Sílvia é possível chegar ao barraco de Rafael e Sandra. Além de caminhos internos nesses três últimos barracos, existem também saídas para a praia.

Os espaços dos barracos são ocupados e vividos mais intensamente pelas mulheres. As mulheres passam quase todos os seus dias entre as clareiras onde estão os barracos e a praia, que fica logo à frente. São as mulheres que ficam nos barracos enquanto os homens vão realizar outras atividades na vila. Isso ocorre quando não existe perspectiva de acontecer um lanço de tainha. Nereu e Rafael trabalham na coleta de lixo da vila de Encantadas, por isso saem todo dia bem cedo da Praia do Miguel e voltam próximo ao meio-dia. Já Nilson e Cezário trabalham como carrinheiros<sup>6</sup> no trapiche de Encantadas, e lá passam, ao menos, parte de seu dia. Seu Ede e Miguel, donos da canoa, são os homens que mais permanecem no acampamento. Seu Ede reclama da idade e diz que não consegue mais ficar subindo e descendo o Morro do Sabão. Já Miguel vai à vila apenas para providenciar algum suprimento ou recarregar a bateria, que proporciona um foco de luz durante a noite.

Entre os barracos, existe um circuito de trocas materiais e simbólicas, que são intensificadas pelas relações de parentesco. Em *O*

*ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas*, Mauss (2003) trata das relações de trocas entre o direito contratual e o sistema de prestações econômicas nas sociedades ditas primitivas. Postula uma compreensão da vida social como um constante dar-e-receber que não inclui só presentes como também visitas, festas, comunhões, esmolos, heranças, etc. A dádiva é definida universalmente, mas organizada de modo particular em cada contexto de pesquisa. Nesse sentido, parece importante compreender como as trocas, principalmente alimentares, são compreendidas e praticadas no contexto da pesca da tainha.

São trocados alimentos prontos ou crus, bebidas alcoólicas, instrumentos utilizados na manutenção dos barracos, objetos de cozinha e lenha utilizada no fogão, além de alguns tipos de serviço. As mulheres costumam circular de forma mais livre entre os barracos nos momentos em que a presença masculina é pouco intensa. É comum que, pelo menos uma vez ao dia, a mulher receba em seu barraco alguma das vizinhas. É difícil encontrar todas as mulheres reunidas em um só barraco, o mais comum é o revezamento entre duas ou três mulheres por cada visita. A etiqueta das trocas alimentares parece ser de extrema importância não só para as mulheres, mas também para os homens. Peixes, mariscos e bebidas alcoólicas são os itens mais trocados entre as famílias acampadas.

A circulação dos pratos no acampamento da Praia do Miguel, portanto, constitui-se apenas em apontamentos iniciais sobre os significados e a importância das relações de parentesco na comunidade de Encantadas. Seguindo Maciel (1996), creio que a partilha do alimento torna-se, nesse contexto, um importante viés da manutenção da família, não apenas em seu sentido nutricional, mas na atualização de relações sociais e vínculos. A partir de um estudo aprofundado sobre as “coisas sociais em movimento”, Mauss localiza seu “caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, obrigatório e interessado dessas prestações”.

<sup>6</sup>Não é permitida a entrada de automóveis na Ilha do Mel, assim, todo o transporte de mercadorias é feito através de carrinhos puxados pelos homens. Vários pescadores trabalham nessa atividade.

Marca-se, nessas instituições, familiares e políticas, a circulação de bens, entre eles o da comida. “É da natureza do alimento ser partilhado; não dividi-lo com outrem é ‘matar sua essência’, é destruí-lo para si e para os outros” (Mauss 2003: 281).

A comida, e seu respectivo consumo e preparo, é uma categoria simbólica relevante na construção da identidade do grupo, principalmente entre as mulheres (Maciel 1996). Essa centralidade é explicada a partir de dois pontos principais. O primeiro refere-se à ligação existente entre o trabalho e o produto de consumo. Existe uma relação direta e objetiva entre o pescador e o peixe, justamente porque o produto do trabalho, o peixe, é também produto de consumo. O segundo ponto diz respeito ao fato de que a comida ocupa um lugar central na escala de consumo dessas famílias. Assim, boa parte daquilo que arrecadam é destinado ao pagamento da alimentação, sendo que os peixes e os frutos do mar representam apenas uma pequena parte daquilo que comem diariamente. Ter comida é concretamente imperativo para a sobrevivência física e simbólica dessas famílias, pois é a partir, principalmente, do alimento que vai ser construída a identidade desse grupo. A falta de comida não é um problema enfrentado pelos pescadores da tainha da Praia do Miguel. No entanto, a relação comercial de acesso à comida também não pode ser considerada cômada.

O casal Rute e Nereu, com o filho Cassiano, que os acompanha no cotidiano do acampamento, divide o trabalho de uma forma bem clássica, mostrando que existe uma interdependência dos papéis familiares. Nereu (o pai de família) é o provedor, e Rute (mulher e dona de casa) gerencia e controla o consumo doméstico, não sendo dispensada a colaboração de Cassiano, que em muitas situações assume as funções do pai. O preparo das refeições, bem como o manejo dos alimentos, é realizado, quase que exclusivamente, pelas mulheres. Não existe nenhum tipo de interdito formulado publicamente com relação ao manuseio e preparo das refeições. No entanto,

os homens dificilmente se encarregam de tal função, ficando, quando necessário, responsáveis por limpar os peixes e cuidar do fogo no cozimento do marisco. Todas as mulheres do acampamento assumem a função de controlar e gerenciar o consumo doméstico de modo que o orçamento da família possa suprir as “necessidades” da família. Assim, o preparo dos alimentos é visto como um importante trabalho feminino, pois, ao cozinharemos, elas controlam aquele espaço.

A tarefa de preparar o alimento cotidianamente, ainda mantida no âmbito feminino, também apresenta uma série de características específicas, refletindo o contexto cultural e suas dinâmicas de permanências e mudanças. A partir da criação das áreas de conservação ambiental ocorreram transformações significativas na Ilha do Mel, com a introdução massiva do turismo nessa localidade, gerando impactos em todos os âmbitos da vida desses pescadores. Todas essas mudanças alteraram o modo de vida, as formas e os ritmos de trabalho dos pescadores, com reflexos nos modos de consumo.

Existe um grupo de alimentos que são considerados básicos. O arroz e o feijão quase sempre estão presentes nas refeições principais, fazendo parte da estrutura básica de uma refeição considerada satisfatória. Em algumas situações, o feijão pode ser substituído por macarrão, batata ou outro produto considerado adequado à refeição. Essa substituição é justificada pelas cozinheiras como sendo necessária quando se quer preparar uma comida “rápida”, pois no acampamento o fogão a lenha requer um tempo de cozimento maior para os alimentos, principalmente o feijão. No entanto, a alimentação não se limita aos produtos identificados como básicos. Ela se complementa com alimentos que variam conforme a intensidade e a variedade da pesca. Esses alimentos complementares são chamados de “mistura”. As “misturas” são fundamentais para a alimentação do pescador. No entanto, nunca substituem aquilo que é o básico da alimentação. Os legumes, as verduras, os mariscos, as carnes de fran-

go e gado e, principalmente, os variados tipos de peixe são os alimentos que se “misturam” à alimentação básica. Não necessariamente concretizado, mas pesando idealmente, uma refeição principal deve conter os alimentos básicos e as “misturas”.

Rute, Sílvia, Sandra, Dona Jora e Dona Maria são as mulheres que estão mais presentes no cotidiano do acampamento. Ali realizam todas as atividades cotidianas como cozinhar, lavar louça, lavar roupa etc. As atividades femininas ligadas à pesca são: limpar os peixes e defumá-los, mariscar (retirar marisco) e preparar o marisco para ser vendido, “ajudar” os maridos a organizar o material da pesca, puxar a rede da pesca da tainha e “ajudar” a levar os peixes para a vila.

Existem algumas mulheres que não acampam com seus maridos na Praia do Miguel, mas estão presentes no cotidiano da pesca da tainha. O ponto sete indicado na figura representa um local de pedras, localizado logo após a descida do Morro do Sabão, onde Sílvia (esposa de Carlinhos), Lúgia, Cleusa, Elizângela, Suelen e outras mulheres que vêm com menos frequência passam o dia à espera dos *lanços*. Elas estão ali para puxar a rede de tainha e, dessa forma, ganhar algum dinheiro. Fique e Cleusa são as mulheres deste grupo que permanecem casadas, as outras já estavam separadas antes do início da pesquisa. Todas essas mulheres, assim como as que estão acampadas com seus maridos, também são parentes<sup>7</sup>. Geralmente, Carlinhos avisa a Sílvia sobre as possibilidades de *lanço*, e ela avisa as outras mulheres, que passam o dia em um acampamento bem improvisado. Quando está frio, fazem uma fogueira e, em geral, trazem comida feita em casa. Às vezes, elas vão até o acampamento e ficam nas barracas de Rute e Sandra, suas paren-

tas mais próximas. No entanto, essas visitas não são diárias, pois dizem que não desejam incomodar muito, afinal Rute e Sandra estão com seus maridos. Lúgia, Cleusa e Elizângela trabalharam bastante mariscando junto com as mulheres acampadas.

O ponto oito marcado na figura determina, aproximadamente, o local onde as mulheres vão mariscar, ou seja, retirar os mariscos. Esse é o limite entre a Praia do Miguel e a Praia Grande, já considerada como parte de Brasília, outra comunidade da Ilha do Mel. É nessa encosta com grandes pedras que as mulheres retiram o mexilhão, que depois de preparado será comercializado em Paranguá. Essa atividade, que não é exclusiva das mulheres, é realizada nos períodos em que se “espera a tainha passar”. Os homens também retiram marisco, no entanto, existe uma predominância do trabalho feminino. Presenciamos, em várias oportunidades, Rute e Sandra indo mariscar sozinhas. Em geral, elas retiram o marisco pela manhã bem cedo, quando a maré está seca e colocam em grandes sacos que são carregados pelos homens. Os homens também preparam o fogo para o cozimento dos mariscos, mas não são tão ativos na hora de descascá-los. A venda de mariscos durante a pesca da tainha é uma contribuição financeira significativa para a renda das famílias. No ano de 2011 e 2012, houveram poucos *lanços* de tainha, por isso foram considerados anos muito ruins para a pesca. Como consequência, intensificou-se o trabalho de coleta dos mariscos. Os anos de 2013 e 2014 foram considerados anos bons de pesca. Escutei em algumas conversas uma teoria sobre a sequência dos dois anos, dois anos bons e dois anos ruins.

Como foi dito, o mar é o espaço social considerado como dos homens, por excelência e atualmente eles também o ocupam. Além de pescar tainhas, os homens costumam pescar com varas nas regiões costeiras do Morro do Sabão. Também pescam tainha com cambau, durante a noite. As mulheres só “ajudam” na pesca do cambau<sup>8</sup> em situações extraordinárias, como, por exemplo, quando o

<sup>7</sup>Como já citado anteriormente, existe uma importante relação de parentesco entre os participantes da pesca da tainha. Na comunidade de Encantadas as famílias Agostinho, Neves e Serafim são protagonistas dessa prática há mais de três gerações. Não foi possível desenvolver a temática do parentesco neste trabalho, mas fica a indicação para futuros desenvolvimentos.

número de homens é insuficiente para puxar essa pequena rede.

Outros espaços da pesca considerados masculinos estão identificados nos pontos nove e dez da figura. O ponto nove é o espaço de trabalho do espia, o responsável por identificar os cardumes de tainha. Esse espaço é restrito aos homens, e não se tem notícias de mulheres que tenham ocupado tal função. O ponto dez indica a mata fechada. Antigamente existiam algumas trilhas que ligavam a Praia do Miguel à Praia do Belo e a Brasília. Existe um sistemático controle do IAP para que essas trilhas sejam fechadas pela mata. A mata fechada é pouco utilizada pelos pescadores. No ano de 2011, a Companhia Paranaense de Energia (Copel) havia realizado uma grande limpeza entre os fios de energia que passam ligando Encantadas e Brasília. Essa obra de limpeza deixou para trás vários galhos cortados dentro da mata, que foram utilizados pelos pescadores como lenha para a cozinha do acampamento. As mulheres também iam buscar essa lenha no mato, sempre acompanhadas.

Existem algumas mudanças em relação às atividades tradicionais e à posição ocupada pelas mulheres nesse processo. As principais alterações dizem respeito aos interditos que relacionavam a mulher e a pesca. Nos tempos atuais, as mulheres participam mais ativamente da pesca, desde o momento que o espia identifica o cardume até a etapa final de divisão dos lucros. As mulheres “ajudam” os homens a colocar a canoa na água e ficam na praia esperando para puxar o *lanço*. O que não acontecia no “tempo dos antigos”. Tanto homens quanto mulheres nos falaram que, se for de extrema necessidade, no caso da falta de homens, alguma mulher que tenha experiência na pesca pode subir na canoa, no entanto,

tal situação é extremamente rara e vista com maus olhos, tanto por homens quanto por mulheres. As mulheres e homens consideram o trabalho da canoa perigoso, portanto, restrito aos homens.

Quanto às restrições relacionadas à presença de mulheres grávidas na praia e o trabalho – de puxar o *lanço* – de seus maridos, os pescadores da atualidade não seguem mais esse costume. Relatam essa prática como coisa do passado, “coisa dos antigos”, e dizem não acreditar mais nisso. Não tivemos a oportunidade de presenciar nenhuma situação concreta envolvendo essa crença, no entanto, tudo leva a acreditar na opinião expressa pelo grupo. Parece haver nesses casos uma aproximação entre o feminino e a tainha. A tainha “percebe” com mais facilidade os movimentos femininos, principalmente se a mulher estiver grávida, pois as mulheres são vistas como mais próximas da natureza, portanto, mais próximas das tainhas que os homens. Assim, os homens cujas mulheres estão grávidas, estariam de certa forma “contaminados” pelas suas mulheres e, assim, impedidos de pescar.

O que permanece muito ativo na forma de pensar a pesca da tainha é a concepção de que a tainha “percebe” muitas coisas, ela “é muito sensível”, principalmente, à presença de sons dentro e fora da água, na região da praia. A Praia do Miguel é uma das praias da Ilha do Mel utilizadas para o *surf*. Durante a pesca da tainha esta prática fica proibida, assim como o simples banho de mar. Os pescadores não deixam ninguém entrar na água durante a pesca, pois a tainha “sente o cheiro” das pessoas e foge. Também não é permitido correr na praia quando os cardumes estão por perto ou durante o *lanço*, pois o cardume “sente a presença” das pessoas. Apesar dessas restrições, todos os pescadores são unânimes em afirmar que no “tempo dos antigos” as regras eram bem mais rígidas e havia muito mais limitações para as mulheres.

## CONCLUSÃO

Pensando a pesca e as relações de gê-

<sup>8</sup>O cambau é uma técnica de pesca utilizada para a captura de poucos peixes. Utiliza-se uma rede pequena, onde cerca de quatro pessoas fazem uma espécie de arrastão na beira da praia recolhendo os peixes que se afastaram do cardume. Geralmente ocorre em dois períodos noturnos, por volta das 21h e as 5 da manhã, pouco antes de amanhecer.

nero a partir de uma perspectiva mais ampla, creio que, quando os pescadores se referem ao trabalho eles operam uma classificação ideal que liga o mar ao masculino e a terra ao feminino. No entanto, o mar pode ser subdividido em mar de fora e mar de dentro. O mar de fora, ou alto-mar, é considerado um espaço de trabalho masculino por excelência; o mar de dentro – as praias (beira-mar) e a região costeira – é um espaço onde homens e mulheres exercem atividades produtivas.

A terra, por sua vez, pode ser subdividida de duas formas. A primeira é aquela do “tempo dos antigos”, antes da criação das unidades de preservação ambiental. Um tempo em que existia a agricultura e a criação de pequenos animais e plantava-se mandioca para a fabricação de farinha, principalmente. Assim, a terra era dividida entre os espaços da praia, da agricultura e da mata fechada. A praia era um espaço intermediário, onde homens e mulheres trabalhavam. O espaço da agricultura e da criação de pequenos animais era pensado como feminino, mesmo que os homens também o ocupassem. Já a mata fechada era o espaço do homem na terra. Atualmente, a terra é subdividida entre os espaços da praia, compartilhado entre homens e mulheres, e os espaços referentes às áreas de preservação ambiental, que são teoricamente interditados a ambos os sexos.

Do ponto de vista do discurso, a oposição Mar/Terra permanece como eixo produtor da identidade de gênero e, conseqüentemente, da divisão social do trabalho. No entanto, existe uma mudança significativa no espaço apropriado pela comunidade. A criação das unidades de preservação ambiental na década de 1980 e a intensificação do turismo iriam redefinir os territórios da pesca na terra e também, no mar. Woortmann (1991) descreve uma situação similar em uma comunidade pesqueira do Nordeste. A comunidade foi expropriada da terra destinada à agricultura e, conseqüentemente, a mulher perdeu seu espaço de trabalho por excelência. No entanto, no caso descrito por Woortmann, a perda da terra para a agricultura gera uma perda do espaço social e

simbólico da mulher, causando seu desprestígio social. A hipótese é que, no caso dos pescadores de Encantadas, ocorreu, assim como descrito por Woortmann, uma redefinição dos territórios, que modificou profundamente o papel das mulheres na comunidade. Porém, em Encantadas essa mudança proporcionou maior autonomia para a mulher pois suas atividades são hoje multidirecionadas.

Compartilho da perspectiva apresentada por Alencar (1991) em *Companheiras, pescadeiras e perigosas: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA* ao discutir o trabalho feminino na pesca. Entendemos que o trabalho realizado pelas mulheres durante a pesca da tainha deve ser compreendido tendo como modelo ideal nativo o eixo mar-terra; no entanto, esse eixo deve ser relativizado a partir do próprio discurso nativo, bem como, de forma contextual. Em suas falas os homens dão ênfase ao trabalho no mar, ao trabalho da pesca. Já as mulheres ao falarem de seu trabalho na terra não focam apenas em uma atividade. As atividades femininas tendem, pois, a ser multidirecionadas, ao contrário das masculinas, geralmente centradas em uma ou duas atividades principais. Finalmente, observo que não se tratam somente de técnicas, mas saberes, conhecimentos transmitidos de geração a geração, que levam consigo não só “modos de fazer”, mas modos de ver, significar e estar no mundo. São saberes que se reinventam, que se transformam em função das experiências vividas e das mudanças de contexto, mas que permanecem, apesar das situação adversas, como dotadas de valor e sentido, como elemento articulador entre as relações de gênero.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Edna Ferreira. 1991. *Companheiras, pescadeiras e perigosas: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB.
- COLETÂNEA DE LEGISLAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO SOBRE A ILHA DO MEL: 1946-1985 (1986). Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) do Estado do Paraná.
- CORREA, Marco; LEMOS, Paulo. 1993. *A pesca artesanal da tainha no litoral do estado do Paraná*. Curitiba: Ed. da UFPR; SEEC.
- DIEGUES, Antônio Carlos. 2001. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. NUPAUB-USP, São Paulo: Editora HUCITEC.
- \_\_\_\_\_. 1999. "A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil". *Revista Etnográfica* 3(2): 361-375.
- \_\_\_\_\_. 1997. "As Ilhas e Arquipélagos Tropicais Brasileiros: Práticas Sociais e Simbólicas". In: *Ilhas e Sociedades Insulares*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- \_\_\_\_\_. 1995. *Povos e Mares: leituras em sócio-anthropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- \_\_\_\_\_. 1983. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática.
- LINS DE BARROS, Myriam. 2005. "Memória, gênero e geração na sociedade brasileira contemporânea". *Praia Vermelha* 13 (2): 44-69.
- MACIEL, Maria Eunice. 1996. "Churrasco à gaúcha". *Horizontes Antropológicos* 2(4): 34-48.
- MALDONADO, Simone Carneiro. 1986. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Editora Ática.
- MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. 1999. "Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil". *Etnográfica* 3(2): 377-399.
- RIAL, Carmen; GODIO, Matias. (org). 2006. *Pesca e Turismo. Etnografias da Globalização no Litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE, CFH, UFSC.
- SHENA, Fernando. 2006. *Turismo, Estado, Sociabilidade e mudança: uma etnografia da Vila de Encantadas, Ilha do Mel – PR*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR.
- TOMAZ, Lea Maria. 1997. O Mato e os Manguezais na Ilha do Mel: A percepção dos nativos. In: *Ilhas e Sociedades Insulares*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- WOORTMANN, Ellen. 1991. *Da Complementaridade À Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades "pesqueiras" do Nordeste*. Série Antropologia. Brasília: UNB.
- \_\_\_\_\_. 1998. "Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal". In: *Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, SP: Mercado das Letras.